

----- ACTA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO  
CONCELHO DE ODEMIRA, REALIZADA NO DIA VINTE E SEIS DE OUTUBRO DO  
ANO DE DOIS MIL E SETE:-----

----- Ao vigésimo sexto dia do mês de Outubro do ano de dois mil e sete, realizou-se no Cine-Teatro “Camacho Costa”, em Odemira, uma sessão extraordinária da Assembleia Municipal, presidida pelo senhor Manuel António Dinis Coelho, secretariado apenas pelo senhor Amâncio Francisco Mendes da Piedade (Primeiro Secretário) e convocada pelo primeiro ao abrigo do artigo quinquagésimo e da alínea b) do número um, do artigo quinquagésimo quarto da Lei número cinco A, barra dois mil e dois, de onze de Janeiro, que veio introduzir alterações à Lei número cento e sessenta e nove barra noventa e nove, de dezoito de Setembro, conjugado com o disposto na alínea b) do número um do artigo décimo quarto do respectivo Regimento, com a seguinte Ordem de Trabalhos: -----

----- Ponto único: “**IGUALDADE DE OPORTUNIDADES PARA TODOS**”.-----

----- Integraram a Mesa para além dos membros anteriormente referidos, os senhores António Manuel Camilo Coelho, Presidente da Câmara Municipal de Odemira; Engenheiro António Loução, representante do senhor Governador Civil do Distrito de Beja; Dr. Alexandre Rosa, representante da Coordenação Nacional da EMAEIOT – Estrutura de Missão do Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todas e Todos e Dr. António Sancho, Director da Revista “Mais Alentejo” e moderador da presente sessão. -----

----- **ABERTURA DA SESSÃO**-----

----- Pelas dezasseis horas e vinte minutos, o senhor Presidente da Assembleia Municipal declarou, nos termos da Lei, aberta a sessão. Registou-se a presença de vinte e nove membros da Assembleia Municipal a saber, os senhores Amâncio Francisco Mendes Piedade, Aníbal Mendes Simão, António Eduardo Guerreiro da Silva, Augusto Inácio Maria, Dinis Manuel Campos Nobre, Diogo Castanheira Vilhena, Domingos Assunção Silvestre, Dulce Loução de

Matos Raposo, Fernando Silvestre da Encarnação, Helena Maria Theodora Loermans, Humberto Inácio Encarnação, Joaquina Maria Eduarda Bernardino, José da Silva Ribeiro, José da Silva Valério, José Manuel Gonçalves Guerreiro, José Manuel Guerreiro, José Manuel dos Reis Guerreiro, Manuel António Dinis Coelho, Manuel José Pereira Guerreiro Martins, Maria da Piedade Grego Dias Sobral Barradas, Maria Luísa Vilão Palma, Mário Manuel Lourenço Silva Santa Bárbara, Mário Neves Páscoa Conceição, Paulo Jorge Dias Reis, Ricardo Filipe Nobre de Campos Marreiros Cardoso, Telma Cristina Felizardo Guerreiro, Tito Silvestre Nobre Palma, Valdemar Pacheco Silvestre e Vanda Maria dos Santos Benito da Silva Ribeiro, e as ausências dos senhores António Manuel de Oliveira Rita Viana, Presidente da Junta de Freguesia de Zambujeira do Mar, Carlos José Martins Cortez, Presidente da Junta de Freguesia de Vale de Santiago, Filipa Alexandra Gonçalves Oliveira, João Miguel Nobre Rebelo dos Reis, Joaquim Pedro da Silva Soares Parreira, José Vieira Ramos, Presidente da Junta de Freguesia de Santa Clara-a-Velha, Leonel Nunes Rodrigues, Presidente da Junta de Freguesia de Pereiras-Gare, Paula Cristina dos Santos Custódio e Raul José Pinto de Albuquerque Tomás.

----- Do Executivo da Câmara Municipal de Odemira, estiveram presentes os senhores António Manuel Camilo Coelho, Presidente da Câmara Municipal de Odemira, José Alberto Candeias Guerreiro, Carlos Alberto Silva Oliveira e Hélder António Guerreiro, Vereadores eleitos pelo Partido Socialista e Cláudio José dos Santos Percheiro, Vereador eleito pela Coligação Democrática Unitária.-----

----- Interveio o senhor Presidente da Assembleia Municipal que agradeceu a presença de todos, nomeadamente aos representantes das entidades previamente convidadas para o efeito e ao público em geral, especialmente aos jovens estudantes que se encontravam presentes. -----

----- Seguidamente informou os presentes acerca do alinhamento dos trabalhos da presente sessão. -----

----- Disse também que a Assembleia Municipal não podia deixar de se associar às

comemorações do Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos e, bem assim informou que a realização da sessão em causa tinha por objectivo ajudar os munícipes a reflectirem sobre as temáticas das discriminações, na esperança de que todos no concelho possam “fazer um esforço suplementar, nas nossas casas, nas nossas famílias, nos nossos locais de trabalho, junto dos amigos, mas também sobretudo junto dos cidadãos em geral, no sentido de denunciar e de não aceitar as discriminações com que ainda nos deparamos em relação ao sexo, à origem racial ou étnica, à religião ou crença, à deficiência, à idade e até à própria orientação sexual”. -----

----- Interveio o senhor Presidente da Câmara Municipal que felicitou todos os presentes, nomeadamente os membros que integravam a mesa, os membros do Grupo de Trabalho da Assembleia Municipal, promotor da sessão em causa e restantes membros daquele Órgão, os senhores Presidentes das Juntas de Freguesia, os senhores Vereadores da Câmara Municipal de Odemira e o público em geral, designadamente os jovens estudantes presentes na sala. -----

----- Referiu ainda que o Município de Odemira tinha muito respeito por aquele tipo de matérias e era um parceiro de primeira linha das entidades interessadas nessa matéria.-----

----- Disse ainda que: “da parte que me corresponde em representação do Município, até enquanto cidadão, tenho a certeza que isto só resultará se houver entrega de todas as entidades, de todas as pessoas, porque de facto o futuro e especialmente a igualdade de oportunidades faz-se com todos e não apenas e só de palavra vã, como muitas vezes tem acontecido em tempos passados.”-----

----- Interveio o Engenheiro António Loução, representante do senhor Governador Civil do Distrito de Beja que felicitou todos os presentes e disse o seguinte: “com todo o gosto estou a representar o senhor Governador Civil do Distrito de Beja que por motivos de agenda não lhe foi de todo possível estar presente. Não quis, no entanto, que eu deixasse de transmitir a sua sensibilidade para com as temáticas em questão. -----

----- De facto, estamos perante temas da maior pertinência, estejamos nós a falar das diferenças de sexo, étnicas, idade, orientação sexual, oportunidades no emprego, no género, na religião ou crença, de entre pessoas com ou sem deficiência, etc. -----

----- Queira o senhor Presidente da Assembleia Municipal de Odemira crer que, com esta iniciativa, estamos a dar passos importantes e decisivos para quebrar barreiras e mentalidades que absurdamente ainda infelizmente subsistem. -----

----- Muito Obrigado!” -----

----- Interveio o Dr. Alexandre Rosa, representante da Coordenação Nacional da EMAEIOT que felicitou todos os presentes e fez a seguinte intervenção: “Muito Obrigado! (...) deixem-me agradecer à Assembleia Municipal de Odemira esta iniciativa que em bom momento a tomou em mãos, satisfazendo um desafio que lhe foi lançado pela Estrutura de Missão de que faço parte e que acompanha como esta iniciativa outras tantas e foram muitas que por este país fora se têm vindo a desenvolver por iniciativa das Assembleias Municipais um pouco por todo o país. (...) No fim do ano apresentaremos o balanço do ano e do trabalho desenvolvido e nessa altura verificaremos e veremos como é que caminhámos ao longo deste tempo. - -----

----- Um agradecimento especial por isso à Assembleia Municipal de Odemira, mas também ao Presidente da Câmara, bons amigos, velhos amigos e no fundo também companheiros de lutas várias, sempre no fundo à volta desta coisa que se chama “Igualdade de Oportunidades”.--

----- Seguidamente felicitou os restantes membros que integravam a mesa desta sessão. -----

----- Disse ainda que: “dois mil e sete, vinte e sete países da União Europeia decidiram assinalar este ano ou pôr na agenda das preocupações dos Estados-Membros da União Europeia esta problemática da igualdade de oportunidades.-----

----- (...) Eu sou dos que acha que estes anos e estes dias em si efectivamente, só por si, não resolvem o fundo das questões, mas são importantes pelo que representam de criar

oportunidade e de suscitar e de incentivar o debate à volta das questões que se pretendem assinalar. E quando vinte e sete países Europeus decidiram eleger o ano dois mil e sete, como o “Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades para Todos”, fizeram-no (...) porque a discriminação existe, a discriminação existe na realidade do nosso dia-a-dia, da nossa vida e os cidadãos Europeus sentem essa discriminação. -----

----- (...) Os países Europeus identificaram como já aqui foi referenciado seis discriminações fundamentais relativamente às quais se pretendem mobilizar e pretendem promover o debate. --

----- Discriminações desde logo em função do sexo, do género, para utilizar uma linguagem mais moderna. Identificando que há discriminação entre homens e mulheres. Dar-vos este dado: para o mesmo nível profissional em Portugal, as mulheres tendem em ganhar menos nove por cento que os homens.-----

----- (...) discriminações também em função da idade e em função da idade os nossos mais velhos e hoje vai sendo comum dizermos (...) com mais de quarenta e cinco anos já se começa a ser novo de mais para nós reformarmo-nos, mas velho demais para trabalhar e chegar ao desemprego com uma idade de quarenta e cinco anos é já um problema sério para retoma do emprego. Mas também a discriminação de idade para os mais novos que têm dificuldades acrescidas e fortes de acesso ao primeiro emprego. -----

----- (...) discriminações em função da deficiência. Os cidadãos portadores de deficiência sentem dificuldades acrescidas de acesso aos bens que as pessoas ditas normais não sentem. Desde as acessibilidades físicas até às acessibilidades de outra natureza que fazem com que as pessoas sejam efectivamente discriminadas, (...) tão simples como caminhar do largo para aqui (...) para alguém que se desloque em cadeiras de rodas, ou há o cuidado de esquinar o passeio ou a cadeira de rodas não passa.-----

----- (...) Discriminação também em função da origem étnica e/ou racial. Hoje, Portugal contrariamente ao que era aqui há alguns anos, Portugal hoje é um país de imigrantes, é um

país que recebe pessoas de outros países, pessoas de outras culturas e que aqui vêm trabalhar connosco, da mesma forma que durante muitos anos e ainda hoje muitos Portugueses saem do país para procurar outras condições de vida e melhores condições de vida noutros países, aproveitando oportunidades que possam existir noutros países. -----

----- O desafio que hoje se coloca ao mundo inteiro e é importante ter isto presente, estamos condenados a viver com os outros, isto é um bem, viver na diversidade é um bem, às vezes podemos pensar “que chatice temos que viver com pessoas diferentes, mas viver com pessoas diferentes é fundamental, é hoje uma questão decisiva para o desenvolvimento das sociedades modernas. Vivemos num mundo globalizado, onde os capitais circulam, onde as empresas circulam, onde o trabalho circula, naturalmente que as pessoas têm todo o direito de circular (...) e as comunidades que os recebem têm a obrigação de os receber bem, se querem que as comunidades que recebem os seus cidadãos também os recebam bem. -----

----- E esta questão não é só uma questão egoísta de reciprocidade de tratamento, mas é uma questão diria que temos que assumir como de sobrevivência das próprias sociedades. (...) Nós quando estamos a importar trabalhadores temos de ter consciência que acima de tudo temos a obrigação de importar pessoas, cidadãos com direitos e sem qualquer tipo de discriminação. Naturalmente que a gestão da diversidade é uma gestão difícil, nem sempre fácil porque o confronto de culturas é real e naturalmente que o entrosamento de culturas diferentes, nem sempre é uma coisa simples. (...) Temos preconceitos relativamente ao outro. -----

----- (...) estão aqui estudantes (...) ouve-se com certeza falar nas vossas aulas de nós e do outro, da relação entre nós e o outro e o respeito pelo outro para que nós possamos ser respeitados e este é o grande desafio. Somos todos iguais embora diferentes. Esta expressão feliz que é usada por um grupo de intervenção cívica, o SOS Racismo que é “todos diferentes todos iguais”, é uma expressão muito feliz para identificar que de facto o homem e a mulher são iguais (...). -----

----- Não é possível hoje fechar fronteiras, não seria bom que se fechassem, mas mesmo que alguém as quisesse fazer não é possível essa hipótese, não está disponível na nossa mão e portanto as pessoas circulam, têm de circular com condições, com direitos e acima de tudo com o equilíbrio e os países naturalmente que têm que encontrar regras (...), tem que haver enquadramento e regulação. -----

----- Mas também, deixem-me dizer-vos que ninguém imigra de forma inconsciente, ninguém decide vir para Portugal, se em Portugal não houver potencialmente condições para cá viver. Não é por acaso que Portugal durante muitos anos não era um país de destino, porque não havia condições, Portugal não era competitivo para essas pessoas e hoje isto é um bem para nós, o facto de sermos procurados por imigrantes (...) porque vêm também ajudar a resolver os problemas que nós temos na nossa sociedade, na nossa economia. -----

----- (...) discriminação religiosa. Deixem-me dizer isto, toda a gente tem o direito de ter a crença que quiser, toda a gente! E nós da mesma forma que com culturas diferentes e com grupos que vêm de outros sítios temos a obrigação de considerar todos iguais na sua diferença, no que toca à religião, é uma questão da mesma natureza. -----

----- (...) é interessante ver como um homem como Mário Soares que é uma referência da nossa democracia, é hoje (...) Presidente da Comissão da Liberdade Religiosa, um homem que não é religioso, exactamente por isso, é um homem que consegue fazer as pontes entre as diferentes sensibilidades religiosas, e valorizar a diferença entre as diferentes sensibilidades religiosas. O respeito pelas diferentes religiões, pelas diferentes crenças é uma questão decisiva hoje mais uma vez, porque está agarrada e é transportada pelos movimentos das pessoas no mundo. -----

----- E hoje nós temos em Portugal muçulmanos e temos indianos e temos judeus e temos cristãos e temos protestantes e temos etc, valores diferentes que naturalmente que por vezes se chocam, porque os valores e as culturas são diferentes, mas a questão é se se chocam

positivamente ou se chocam negativamente. A obrigação dos povos hoje é deixar que o choque se dê, desde que o choque seja positivo e seja criativo. (...) Em todas as religiões há grupos fundamentalistas e em todas as religiões há grupos normais sem fundamentalismo, que têm os seus valores. Os muçulmanos têm valores tão importantes como os cristãos e como os budistas. Os fundamentalismos cristãos que houve durante muitos anos na nossa história e nós lembramo-nos da inquisição, (...) felizmente tempos ultrapassados e hoje temos fundamentalismos noutras sítios, nomeadamente de raiz, da zona da religião muçulmana. Mas estes fundamentalismos extremistas não nos podem fazer confundir a árvore com a floresta e passarmos a pensar que a religião muçulmana, porque tem uns fundamentalistas que atacam torres gémeas na América, passou a ser o inimigo da Humanidade.-----

----- A grande questão é o diálogo inter-religioso, o diálogo inter-cultural, para que as pessoas também deste ponto de vista se respeitem uns aos outros. -----

----- Uma última nota sobre a outra discriminação: orientação sexual. (...) Há pessoas que acham que este tema não deveria ser discutido, mas as pessoas têm o direito, o direito à sua orientação sexual, é um problema íntimo, é um problema da pessoa e não temos nada, literalmente nada que ver com isso.-----

----- (...) É um assunto, se calhar menos visível do que os outros, mas é um assunto para o qual temos que estar também preparados e temos que olhar para (...) essas situações de forma também aberta e sem nenhum complexo e sem nenhuma perspectiva de discriminação. -----

----- (...) Dizia aqui o senhor Presidente da Câmara Municipal há bocadinho e muito bem que o problema do combate à discriminação é um problema de todos e ai de quem pense que o problema de combate à discriminação é um problema do Estado que tenha que fazer coisas para que sejamos todos iguais. (...) e quando eu digo que isso responsabiliza a todos, responsabiliza-nos a nós, cada uma de nós, porque somos também responsáveis e provavelmente os principais e primeiros interessados em superar os factores de exclusão com que nos confrontamos. O



obstáculo tem que ser ultrapassado com o nosso impulso, ninguém nos leva ao colo para ultrapassar os obstáculos, portanto nós temos uma responsabilidade importante no combate à exclusão. -----

----- (...) hoje as mulheres estão no mercado de trabalho tal como os homens, o problema é que a sociedade e a nossa cultura (...) está organizada para que elas continuem a funcionar como se não tivessem. Então trabalham duas vezes. Trabalham fora e trabalham em casa. Nós temos que criar condições para melhorar e este é um bom exemplo para demonstrar onde é que está a minha responsabilidade, a responsabilidade da minha empresa e a responsabilidade do Estado. -----

----- A minha responsabilidade está em fazer diferente em casa e mostrar diferente aos nossos filhos, mostrar diferente! Há um princípio básico que é, as criancinhas são socializadas em função do meio em que vivem e do que vêem, naturalmente se a criancinha pequenininha crescer vendo o pai a ver televisão e a mãe a lavar a louça, naturalmente que ele leva esse estereótipo para a frente e vai reproduzir a seguir (...). Esta questão, nós temos que fazer, (...) colaborar activamente, não é ajudar eu acho que é um termo que nós homens da minha geração dizemos “eu vou ajudar a minha mulher”. Não se trata de ajudar coisa nenhuma (...), trata-se de partilhar as coisas.(...) -----

----- Agora a responsabilidade das empresas. Pessoas são pessoas, são trabalhadores e são cidadãos. Têm que ter condições para trabalhar e condições para viver. E esta história da conciliação entre a vida pessoal e a vida profissional (...) é fundamental. E é importante que as empresas que empregam os maridos não achem estranho que naquele dia, calhou ao marido ir com a filha ao médico. Porque é que há-de ser sempre o patrão que emprega a mulher que tem que perder horas de trabalho, porque a criança está doente e porque não é de vez em quando também o patrão do marido? (...) Bom, há aqui um problema cultural nosso e das empresas. (...) há hoje empresas em Portugal que no exercício da sua responsabilidade social criaram

condições para ajudar os trabalhadores. (...) há um conjunto de coisas que são feitas pela empresa em vez de ser pelos trabalhadores (...), há um conjunto de tarefas da vida do dia-a-dia que as pessoas têm que fazer e esta empresa descobriu que era bom pôr alguém a fazer pelas pessoas, (...) os recados e vai tratar da vida das pessoas e chega ao fim do dia vem trazer os recados feitos. Isto é um problema da responsabilidade social das empresas que estão condenadas a ter que fazer se quiserem sobreviver, porque hoje já não é só o problema de se pagar mais ou se pagar menos, é das condições de trabalho, trabalho com direitos, trabalho digno passa também por estas coisas, para que as pessoas também possam produzir mais, porque não têm que estar preocupadas com a resolução destes problemas (...).-----

----- Nós e as empresas temos responsabilidades. E o Estado também tem. As políticas públicas têm um papel fundamental para ajudar, não é para resolver os problemas dos outros, mas para ajudar, (...) por exemplo da discriminação de géneros que é dotar o país de infra-estruturas para cuidar dos dependentes, crianças ou idosos e o estabelecimento de uma efectiva cobertura de uma rede de creches pelo país inteiro, onde as pessoas possam deixar com horários compatíveis, possam deixar os filhos enquanto vão trabalhar é fundamental, da mesma forma que uma rede alargada de centros para que possam estar os idosos dependentes é uma questão de estratégica e fundamental para que os homens e as mulheres possam ser mais livres e ser mais iguais no acesso aos diferentes bens (...).-----

----- Para além destas discriminações de que fala a União Europeia, há uma discriminação (...) por força das qualificações (...). Nós temos hoje em Portugal um problema sério, muito sério de qualificações. Nós temos hoje um problema que é, haverem empresas a criar emprego, mas nós não temos gente qualificada para esses lugares e temos o drama de haver empresas a fechar a destruir emprego e deixa no desemprego pessoas sem qualificações e que muito dificilmente conseguem reentrar no mercado de trabalho. Isto é um dilema! Mas que tem solução e tem solução a dois níveis, uma dirigida aos jovens, não se deixem ficar para trás (...) não é pensável

abandonar a escola sem ter o ensino secundário feito e de preferência sem ter o ensino secundário que simultaneamente lhe dê uma certificação escolar e uma certificação de natureza profissional. -----

----- (...) temos um deficit muito grande de qualificações, dois terços dos Portugueses não têm mais que o nono ano de escolaridade. Vejam esta complicação! (...) não podemos desistir das gerações mais velhas, não posso desistir de quem tem quarenta e cinco anos ou quarenta e só tem o sexto ano de escolaridade ou só tem o nono ano de escolaridade e é preciso puxar por essas pessoas para que recuperem o tempo e que voltem a um sistema qualquer que lhes permita obter qualificações como forma de podermos responder e aproveitar as oportunidades, de novas oportunidades de emprego que vão surgindo e não ficarmos a olhar para os empregos que tínhamos e que agora já não há (...). -----

----- A ausência de qualificações é um factor de exclusão sério. A iniciativa “Novas Oportunidades” que o Governo lançou é a resposta, a resposta, a este problema das qualificações. É, provavelmente, o maior desafio que a sociedade portuguesa tem pela frente que é vencer o deficit das qualificações e a grande resposta é um ovo de Colombo, é encontrar respostas adequadas a cada pessoa e não ter um sistema onde toda a gente tem que se encaixar.

----- (...) nós temos que recuperar um milhão, um milhão é o objectivo do programa “Novas Oportunidades”. Um milhão de activos empregados para aumentar as suas qualificações, tendo como referencial o décimo segundo ano, não se compadece com uma coisinha onde vão três ou quatro de cada aldeia. Não. Isto é um processo de massas, temos de ser capazes de fazer isto. A solução é encontrar mecanismos de reconhecer as competências que as pessoas adquiriram (...). O que este sistema veio criar foi valorizar o que cada um aprendeu ao longo da vida no ambiente profissional, cívico, o que for (...) o sistema é simples, oferece módulos organizados, adequados às necessidades de formação complementar que aquelas pessoas têm para poderem recuperar essas suas qualificações (...). -----

----- Muito obrigado!” -----

----- Interveio o senhor Presidente da Assembleia Municipal que disse: “Antes de passar a palavra ao nosso moderador eu queria rectificar aqui um lapso, é que iniciei esta sessão com um cumprimento à juventude e não tenho a certeza se referi também os professores que os acompanharam e acompanham no dia-a-dia (...), fazer referência ao senhor representante do Director Regional da Educação, o Dr. Manuel Mourão e peço desculpa, tinha-o cumprimentado pessoalmente e desejado as boas vindas, mas não o referi aqui e devia tê-lo referido quando falei da juventude. Muito Obrigado!”-----

----- Seguiu-se então o debate sobre o tema em causa, moderado pelo Dr. António Sancho que depois de felicitar todos os presentes e agradecer as palavras que lhe foram dirigidas, disse o seguinte: “Boa tarde a todos! É um prazer estar em Odemira, eu tenho uma longa experiência como jornalista (...), mas tudo na vida tem uma vez e realmente é a primeira vez que eu estou a moderar um debate numa Assembleia Municipal (...). -----

----- Sobre a revista “Mais Alentejo”, realmente um projecto que se tem vindo a afirmar e a crescer que devia até servir, embora seja suspeito para dizer, devia servir de exemplo aquilo que se tenta fazer no Alentejo, porque com perseverança, com luta, com inovação, com dinâmica, privilegiando sempre a qualidade, nós conseguimos! A “Mais Alentejo”, um projecto que nasceu de uma ideia, que nasceu sem capital, sem dinheiro, conseguiu afirmar-se, tem sete anos de existência a revista, antes disso foi jornal (...). -----

----- Vamos passar ao debate propriamente dito (...) eu queria abrir as hostilidades digamos assim e nesse sentido eu ia convidar o Dr. Alberto Matos, queria-lhe fazer uma pergunta, (...) isto é um chavão: Igualdade de Oportunidades para Todos! O que é que isto significa? (...) -----

----- O senhor Alberto Matos, responsável pela Delegação de Beja da SOLIM – Solidariedade Imigrante, disse que deixaria a sua intervenção para mais tarde. -----

----- Interveio o senhor José Ribeiro, membro da Assembleia Municipal que felicitou todos

os presentes, especialmente o Dr. António Sancho e fez a seguinte intervenção: “(...) Se me derem licença e isto parece um disparate estar distante da Igualdade de Oportunidades, falar da música que pode ser um abraço de solidariedade verdadeiro. Eu queria falar de um homem chamado Adriano Correia de Oliveira que, quanto à discriminação e ao silêncio que nas rádios e na televisão, ele e tantos outros que fizeram da voz, poesia, uma arma para que estejamos aqui sem os senhores de chapéu e de óculos escuros, conhecidos por PIDES/ DGS, portanto um abraço ao Adriano Correia de Oliveira. -----

----- Vinte e seis de Outubro de dois mil e sete, digo dois mil e sete, século vinte e um, ainda hoje se discute e luta por igualdades de oportunidades. A minha vontade era trocar o título deste encontro, pelo “Não Oportunidades e Desigualdades”. Onde estão as oportunidades à saúde, à habitação, ao emprego, à educação, juventude, assistência social, etc...? -----

----- - Igualdades – racismo, xenofobia, exploração, pobreza e miséria. -----

----- - Quinze mil crianças em instituições, sendo que seis mil mais ou menos, não tenham visitas familiares. Ainda mais grave é que elas, as crianças, estejam a ser abandonadas por nós. Acontece que a maior parte, uma grande parte de crianças estão nas esquinas de várias cidades da Europa a prostituírem-se. -----

----- - Gravidez e parto matam por ano mais de meio milhão de mulheres em países em desenvolvimento. A isto chamo calamidade crime. -----

----- Na crónica “Coluna Vertebral” de João Paulo Guerra, passo a citar: ”No mundo assente nas mais profundas desigualdades é inevitável o desespero dos que se lançam contra o arame farpado. Discursar no “Santuário da República” dos obséquios como canta Jorge Palma, onde habitualmente se diz apenas o que se está à espera, se aplaude com parcimónia, se esquece rapidamente o assunto e se segue em frente, porque a agenda social não pode parar. -----

----- Não é mal que estejamos aqui a discutir um problema que existe, o que é dramático é que “a civilização” tenha regredido de volta aos tempos da escravatura, naturalmente que os mais

ricos procuram defender-se, é a ordem natural das coisas, puxam pelos galões e convertem-se em carrascos. Defendem e engordam por qualquer preço o seu dinheiro. Não hesitam em cavar um fosso cada vez mais profundo entre ricos e pobres. O abismo não pára de crescer”. -----

----- Um artigo de Rui Tavares, no jornal “O Público” no dia vinte e dois de Outubro, em resposta a uma afirmação racista do prémio Nobel de ciência James Watson, segundo o qual os negros são menos inteligentes que os brancos. Rui Tavares disse quando alguém sustenta opiniões com base em conversas de café, mesmo se ganhou o prémio Nobel, não está a fazer ciência. Se conversa de café racista não merece qualquer estatuto especial, Nobel ou não Nobel, James Watson passou por o mais idiota do que qualquer empregado ou patrão, qualquer reformado da rádio, de televisão (acrescentou eu) branco ou negro, de café ou escritório. -----

----- No “Público” de hoje, de vinte e seis de Outubro de dois mil e sete, um dos mais prestigiados pensadores contemporâneos, George Stayner numa conferência promovida pela Fundação Gulbenkian, numa breve sessão de perguntas e respostas às injustiças sociais, lembra que morrem diariamente pessoas à fome e que embora existam meios para o evitar, ninguém faz nada! O pensador desabafa “espanta-me que os pobres não se revoltam”. Super e hipermercados suficientes? Será que morrem tantas crianças com fome por falta de comida e os contentores com os restos de comida? Serão suficientes? -----

----- O pintor Munch mostra-nos com o seu quadro “O Grito”, o medo, a raiva, mostra-nos o imundo que o mundo é. -----

----- Continuo a ser um idealista, não sei para onde vou, mas sei que já vou a caminho! -----

----- Espero que deste encontro passem e devam sair braçadas de marés-cheias de solidariedade e verdade. Obrigado!” -----

----- Interveio o Dr. António Sancho que solicitou que as intervenções fossem mais breves e, bem assim lembrou que o Dr. Alexandre Rosa iria-se ausentar brevemente, pelo que sugeri que fossem primeiro efectuadas as intervenções que colocassem questões ao

representante da Estrutura de Missão. -----

----- Interveio o senhor Ricardo Cardoso que felicitou todos os presentes, designadamente os jovens, aos quais disse: “Com certeza que ficaram surpreendidos, eu também fiquei quando há dois anos abracei este projecto, de vir para a Assembleia Municipal. Afinal não há aqui tantas gravatas quanto a gente pensa lá fora e garanto-vos que isto é sempre assim (...).-----

----- Quando se fala em igualdade de facto pode-se falar, eu diria, quase de tudo. (...) Nós quando falamos em igualdade de género (...) toda a gente fala na questão das mulheres, eu quero dizer que (...) os homens também são discriminados. O Dr. Alexandre Rosa falou em um pai ir com um filho ao médico. Eu já fui e já fui muitas vezes até e até lhe posso garantir que em Portugal, há três hospitais que já mudaram o letreiro à porta, porque eu fiz a reclamação ou sugestão que é, em todos os hospitais, pelo menos que eu conheço (Évora, Beja, Litoral Alentejano), à porta dizia assim: “As crianças só podem entrar acompanhadas pela mãe ou outro familiar, ou seja o pai é o pai, a prima, a avó e o enteado... a verdade é que eu apresentei e pelo menos Évora (...) a minha pretensão foi satisfeita. -----

----- (...) fui à Internet e tive a pesquisar umas coisas sobre isto, principalmente sobre a questão do género (...) vi lá várias associações de homens ou se quiserem de pais, por exemplo na questão da guarda dos filhos. A questão da guarda dos filhos, em noventa e seis por cento dos casos vai para a mãe, só os casos eu diria extremos é que vai para o pai.” Sobre este assunto falou sobre uma reportagem intitulada “Órfãos de Pais Vivos”, a qual era referente a pais que deixaram de ver os filhos ao se separarem das mães. Referiu ainda na questão das guardas dos filhos que “muitas vezes as crianças eram visitadas pelo pai, repito visitadas de quinze em quinze dias”.-----

----- Seguidamente referindo-se a um filme intitulado “Favores em Cadeia” que relacionava-se com um desafio lançado por um professor aos seus alunos, através da frase “mudar o mundo depende de todos nós”. Não pretendendo criar nenhum super herói, com aquela frase o

professor originou, inicialmente entre os alunos e depois por todo o lado, um movimento de favores em cadeia entre a população.-----

----- Por último, disse que: “é para a gente pensar que ninguém vai descobrir uma coisa muito difícil, as grandes descobertas são as coisas fáceis. Muito Obrigado!”-----

----- Interveio o senhor José Valério, Presidente da Junta de Freguesia de Luzianes-Gare, que depois de saudar todos os presentes, disse: “...de facto este concelho divide-se em grande parte em terras de regadio e em terras de sequeiro, mercê da grande barragem de Santa Clara, feita há vários anos que veio regar todo o litoral e daí quando em Odemira se fala normalmente e perdoem-me os meus amigos Odemirenses e as forças, quase sempre se fala mais do litoral do que do interior. São freguesias de sequeiro Santa Clara, Luzianes, Sabóia, São Martinho, Pereiras (...) seria conhecedor ou teria conhecimento da importância que este interior tinha há uns anos atrás na agricultura? (...) Aquela área toda enorme do concelho de Odemira o que é que desempenhava para o concelho? (...) A agricultura tradicional que hoje foi completamente posta de parte e que já se interrogam, penso eu, porquê estar completamente quase abandonada e se não, se vós quereis testemunhar o que estou a dizer é só uma questão de um dia passearem pela minha freguesia e pela freguesia dos meus vizinhos e verem quanto proliferam os matagais e as terras abandonadas que por aí vão. -----

----- A igualdade de oportunidades também passará por isso, poderá passar pelo nosso interior do nosso concelho também terem a oportunidade de voltar, enfim não estou aqui a falar saudosamente de algum passado, nem pouco mais ou menos, mas com a evolução da agricultura, com a maquinaria nova, etc, etc não se compreende muito bem porque é que nós hoje vemos as nossas freguesias completamente muito desabitadas. -----

----- E depois então vêm as outras questões, é aquela questão das escolas que estão abandonadas, pois naturalmente à medida que se vai abandonando tudo quanto realmente era a vida activa das regiões, naturalmente as pessoas vão fugindo, vão indo para outros lugares (...).



Se fosse possível que isto um dia tivesse algum acompanhamento mais cuidadoso, naturalmente era capaz de as nossas freguesias voltarem a ter novamente mais gente (...).-----

----- Interveio a Dr. Lúcia Canha, da Associação de Paralisia Cerebral de Odemira, que felicitou todos os presentes e referiu: "...naturalmente trabalhando numa associação com deficientes, preocupa-me a igualdade de oportunidades especificamente ligada à pessoa com deficiência, mas também por questões cívicas me preocupa os outros tipos de igualdade. -----

----- E há bocado ouvi-o falar das políticas e a falar deste ano específico, o que me preocupa sempre é, depois destes anos que eu acho que resultam, como o Ano da Pessoas com Deficiência acho que resultou e que deixou marcas, mas preocupa-me sempre é que trabalho é que é feito de fundo com aqueles jovens (...), porque isto são coisas que têm que ser muito estruturais e tem a ver com muitos valores e são coisas que para resultar no futuro, é trabalho de fundo e que tem que ser sistemático e continuado. E uma pergunta que eu punha, é se estas políticas deste ano e se este grupo de trabalho se está preocupado de alguma forma com isto que é, para o ano como é que estes jovens que estão a trabalhar para serem tolerantes com as pessoas com deficiência que estão ao lado deles, para com os imigrantes que cada vez são mais, portanto a minha pergunta, no fundo é isso que trabalho de fundo é que está a ser feito para o futuro do Ano da Igualdade de Oportunidades. Obrigado!" -----

----- Interveio a Joziane, aluna do Colégio Nossa Senhora da Graça de Vila Nova de Milfontes que agradeceu o convite feito pela Assembleia Municipal à escola para participarem na presente sessão e disse o seguinte: "Como nós sabemos, no dia vinte e seis de Janeiro de dois mil e seis, o Governo aprovou um regime de acesso aos deficientes a edifícios e vias públicas. Eu gostaria de saber quais são as medidas que os senhores aqui presentes ou mesmo as pessoas que estão aqui sentadas pensam que deveriam ser tomadas para apoiar esse regime, viste que já se passou um ano e infelizmente na maior parte dos casos esse regime não é cumprido. Obrigado!"-----

----- Interveio o senhor António Eduardo da Silva, Presidente da Junta de Freguesia de Colos que depois de saudar todos os presentes, disse: “Primeiro de tudo, peço desculpa que faça já um reparo. Vejo essa mesa com seis homens e não vejo nenhuma mulher. Não sei se é discriminação, mas é apenas um reparo (...). -----

----- Quando falamos em discriminação, eu há uma coisa que não entendo e quando a gente fala então no género (...) somos nós próprios, a sociedade que alimentamos isso. Porquê criar-se quotas para as mulheres para a política, uma vez que até estamos num órgão político? Eu sou contra isso. Isso é discriminar as mulheres, é inferiorizá-las (...)-----

----- A nível da educação e até temos cá hoje o senhor Coordenador Dr. Mourão (...) e também temos aqui jovens e professores, (...) numa turma de vinte alunos em que há dois ou três alunos que até são mais fracos que os outros, a nível escolar e há um aluno ou outro que se excede. Já alguém pensou naquele que se excede? Não. Pensa-se sempre é nos outros que são mais fracos. Não se dá valor àquelas pessoas que estão também pela positiva (...) não estou a dizer isto para descurar os mais fracos, pelo contrário, os mais fracos têm de ser ajudados, mas os mais fortes e nomeadamente na educação que é o que me estou a referir, também deviam de ter uma palavrinha de apreço, porque eles de certeza também se iam sentir felizes por isso.-----

----- E se eles já eram bons, ainda poderiam ser melhores também se fossem ajudados e isso parte logo de um princípio (...). Obrigado a todos!”-----

----- Interveio o senhor Presidente da Assembleia Municipal que relativamente ao facto da mesa da presente sessão não estar integrada por nenhuma mulher, esclareceu que tinham sido convidadas as Dr.<sup>as</sup> Elza Pais e Ana Paula Fitas da EMAEIOT que se fizeram representar pelo Dr. Alexandre Rosa. Disse ainda que também não se encontrava presente a Dr. Paula Custódio, que era a Segunda Secretária da Mesa da Assembleia Municipal. -----

----- Interveio o senhor Cláudio Percheiro, Vereador da Câmara Municipal de Odemira, que saudou todos os presentes e fez a seguinte intervenção: “O Dr. Alexandre Rosa (...) falou

muito na questão das políticas públicas, gostaria de ouvir a sua opinião, se não acha que esta questão do vencer as qualificações, esta questão do Ano Europeu da Igualdade de Oportunidades e tudo aquilo que se faz, aliás como foi dito aqui, não passa tudo de um entretenimento, porque reparemos, ainda há pouco foi aqui falado sobre a questão dos deficientes, existem leis que devem ser dirimidas as questões das barreiras arquitectónicas, nada se faz para que isso se vença.-----

----- Por exemplo, em relação à formação profissional das pessoas, existem leis que obrigam que os empresários têm que dar formação aos seus trabalhadores, eles próprios têm que ter formação, mas ninguém fiscaliza.-----

----- Uma das grandes questões em termos do ensino (...) continuam a ser, aquelas que conseguem sobreviver, as escolas profissionais. Eu próprio tirei um curso numa escola que não era uma escola profissional, era uma técnico-profissional e esse curso e a vida portanto, deu para desempenhar vários cargos e ao longo da vida aprendi muito. Mas o que se passa hoje e tem tudo a ver (...) na questão das políticas públicas, o que é que acontece, as escolas profissionais que vão continuar são aquelas que tiverem meios suficientes para continuarem, porque aquilo que está traçado neste momento, é quem não tem meios, fecha. É o caso de Odemira que está numa situação muito grave e que por aquilo que se vislumbra, por aquilo que conhecemos, por aquilo que é política pública ou arranja meios ou fecha. -----

----- Não acha que isto tudo se trata de um fogacho e que se tratam apenas de estatísticas (...) -

----- Porque razão é que não se exige que o ensino público seja até ao décimo segundo ano? (...) quantos milhares de pessoas no nosso país, nomeadamente professores, advogados, engenheiros, arquitectos existem neste país, neste momento que não conseguem arranjar emprego? É por uma questão de qualificação? Isto não será tudo um fogacho? Que o ensino obrigatório seja o décimo segundo ano, eu estou plenamente de acordo. Que as escolas profissionais continuem a existir, eu estou plenamente de acordo. Que as escolas secundárias

possam dar formação profissional, eu estou plenamente de acordo. Mas será que os cursos que estão a fazer na escola pública, esses cursos profissionais serão cursos adequados para que quando se sai dessas escolas, se saiba trabalhar? (...)-----

----- Muito Obrigado!”-----

----- Seguiu-se a intervenção do Marlon Mateus, aluno do Colégio Nossa Senhora da Graça de Vila Nova de Milfontes que agradeceu novamente o convite feito pela Assembleia Municipal à escola para participarem na presente sessão e disse o seguinte: “Há pouco, o senhor Dr. Alexandre Rosa falou em deficit de qualificações, eu gostava de dar a minha opinião sobre o assunto, é verdade que cada vez mais é uma realidade o deficit de qualificação, mas uma coisa é não ter possibilidades para a realização ou finalização do percurso escolar. Outra coisa é ter as possibilidades e não o fazer por se pensar que a vida é fácil, por assim dizer, fora do seio familiar e depois os pais dão-nos tudo e criam muitas facilidades. Mas a verdade é que a vida lá fora não é tão fácil quanto isso e depois muitos deles ficam no desemprego e não só. --

----- Também é verdade que já existem medidas para mudar isso mas, no meu ver, este facto só mudará se houver uma consciencialização por parte dos pais que têm sim de apoiar os filhos, mas porém incentivá-los a lutar pelo seu futuro e não lhes dar, por assim dizer, tudo de mão beijada! Obrigado!”-----

----- Interveio a Dr.<sup>a</sup> Rosa Tavares, da INDE, associação de intercooperação e desenvolvimento, em Odemira que disse o seguinte: “...desafiar ali o Ricardo para uma outra leitura sobre aquele letreiro do hospital. É estranho que noventa por cento ou mais de todos os letreiros deste país estejam no masculino. Não é estranho que, de repente, o que diz respeito às crianças e mães apareça no feminino? É só um reparo!-----

----- Até porque se formos ver a linguagem, a própria linguagem, a língua de uma maneira geral torna invisível as mulheres. Se vocês reparam o primeiro discurso e não sei se os outros, mas o senhor Presidente da Assembleia Municipal, começou com: “Boa tarde a todos!”-----

----- O Governo já vai tendo a preocupação de dizer a “todos e todas”, já para não nos tornar invisíveis, não é? Porque se forem ao dicionário o homem, está lá uma grande definição do que é homem, se forem ver o que é mulher, diz: “é a fêmea do homem!” (...). -----

----- Quantos às quotas (...) porque é que as mulheres não aparecem, porque é que será? Não ligamos nenhuma a isto? Não queremos ser cidadãs participativas? Não acredito.(...) -----

----- Seguidamente e recorrendo a um trabalho efectuado pela INDE no ano de dois mil e cinco, informou que num inquérito efectuado a cem mulheres no concelho de Odemira, “no que diz respeito ao domínio profissional, trinta por cento das mulheres assumiram que, sim senhor, que tinham sentido já discriminação, (...) no trabalho, nomeadamente ao nível da diferença salarial, do acesso vedado a um cargo e muitas vezes em igualdade de circunstâncias quem era promovido era o homem. O que é engraçado é que a nível deste trabalho, por exemplo, quase todas as faixas mais novas e aí é a nossa grande esperança, quer dizer que isto dever estar a mudar, sentem e são mais atentas a estas coisas, portanto conseguem identificar muito mais este tipo de problemáticas, nomeadamente ao nível da violência doméstica e quando estamos a falar de violência doméstica, ao nível da violência conjugal. (...) em relação à vida associativa só um terço das mulheres inquiridas participavam em associações e nomeadamente eram associações ou recreativas ou de jovens ou de apoio a crianças (...) só dezasseis por cento admitiam ter participado de alguma maneira na política, portanto eu acho que isto dá-nos que pensar. Não há aqui culpa deste ou daquele, há sim senhor uma consciencialização de todos e aí estou de acordo.-----

----- Isto não se trata de sexo ou género e eu acredito que mesmo para os homens a questão cultural começa a ser difícil conseguirem perceber o seu próprio papel e portanto, eu acho que isto tem que ser feito em conjunto (...).-----

----- Obrigado!”-----

----- Informou ainda que na sequência do resultado daquele trabalho, tinham feito uma

proposta muito concreta que era uma Carta Local para a Igualdade, única a nível nacional, feita em parceria com a Câmara Municipal de Odemira. Por último lançou o desafio para que o documento fosse discutido na Assembleia Municipal.-----

----- Interveio o novamente o Dr. Alexandre Rosa que fez a seguinte intervenção: “...estou muito contente de estar aqui, porque estamos numa Assembleia fortemente participativa, numa sexta-feira à tarde, vimos aqui tantos e ainda por cima com vontade de falar, mesmo dizendo coisas que eventualmente podemos discordar uns dos outros, é uma coisa extremamente positiva. Eu gostava de realçar e mais uma vez dar os parabéns à Assembleia Municipal de Odemira pelos munícipes também que tem (...).-----

----- Ao José Ribeiro eu gostava de dizer o seguinte, as sociedades modernas não acabaram com as desigualdades e com as injustiças. Não acabaram de todo e por isso é que a luta pela igualdade e a luta contra a injustiça está na agenda. E portanto eu quase que diria que o meu comentário à intervenção do José Ribeiro é um pouco este, o mundo é feito de injustiças, eu sei, o mundo é feito de desigualdades, eu sei e agora o que fazer face a isto? É dizer que há injustiça e que há desigualdade e esperar que alguém resolva? Não.-----

----- Nós todos temos obrigação de tentar resolver.-----

----- Naturalmente que as questões são políticas, chamemos as coisas pelos nomes e nem toda a gente pensa da mesma maneira e há quem ache graça à desigualdade e há quem ache graça à injustiça, por isso é que somos diferentes uns dos outros. E há quem não ache graça à desigualdade e quem não ache bem a injustiça (...). O problema é saber sempre como é que nós intervimos para reduzir as desigualdades.-----

----- (...) hoje nós vivemos num mundo globalizado. A globalização que é uma coisa que todos nós estamos a consumir hoje, (...) temos que regular a globalização, este é o desafio que se põe hoje à Humanidade, aos países todos, às Nações Unidas, aos diferentes fóruns internacionais que é como introduzir elementos de promoção da justiça (...). Este é o grande

desafio, como é que a humanidade é capaz de encontrar soluções para combater a pobreza (...), mas o mundo ainda é injusto. Eu não sei se algum dia deixará de ser! (...) Eu não tenho nenhuma dúvida que hoje Portugal é mais justo do que era há quarenta anos (...) por isso é que o Ano da Igualdade é importante. Resolve a desigualdade? Não. Fala do problema? Fala. Ao falar do problema cria-nos na nossa cabeça uma maior predisposição (...) -----

----- Gostei muito de ouvir o jovem Marlon Mateus, que nos dizia aqui que é importante que não tenhamos as coisas todas de “mão beijada”. Esta outra dimensão, este outro olhar para as coisas é importante e tem que ver com aquilo que dizia à bocadinho, da nossa responsabilidade individual e não só da responsabilidade das instituições, da escola, dos outros. -----

----- Nós temos muito a tendência para dizer: “Os outros não fizeram!” (...) Temos que nos ajustar. -----

----- Depois, Ricardo (...) é tão importante o exercício do direito da maternidade, como o exercício do direito da paternidade. Os pais têm o direito de exercer a paternidade e por isso quando se fala da igualdade de género não é um problema de mulheres, é um problema de homens e de mulheres. (...) É um problema nosso, cultural também e que temos de ser capazes de mudar (...) são problemas de mentalidade muito profundas que temos de mudar (...). -----

----- A questão das quotas, não é para mulheres (...) a lei das quotas de acesso aos cargos políticos diz o seguinte, que as listas (...) devem garantir pelo menos um terço do género menos representado (...). -----

----- Junta de Freguesia de Luzianes-Gare (...) levantou uma questão muito importante, eu acho! Eu há bocadinho quando falei das seis discriminações, depois falei mais uma que era das classificações e era para ter falado de uma outra e que o tempo já não me deixou que era a discriminação do interior, a questão da interioridade. -----

----- É um factor forte de discriminação transversal que faz com que em cima das outras discriminações esta actua de forma transversal e horizontal, quer dizer, o problema do deficit

das qualificações é geral, mas nas situações do interior é mais geral do que nos outros sítios (...). -----

----- A grande questão é a questão do desenvolvimento rural que se põe, onde as questões da criação de condições de vida para além da agricultura, mas no espaço rural são questões de determinância fundamentais e o desafio está lançado. Todos ouvimos falar e todos sabemos que existe uma coisa que é a Política Agrícola Comum e (...) que por impulso de Portugal, a PAC mudou do último Quadro Comunitário para o próximo Quadro Comunitário. A PAC anteriormente era centrada com a preocupação fundamentalmente da agricultura e da produção (...) hoje o enfoque é que esses fundos venham para o desenvolvimento rural e não só para a questão da agricultura. -----

----- E portanto, o problema da animação e da activação das nossas aldeias e vilas e etc, têm aqui nestes programas da chamada nova PAC com a perspectiva de desenvolvimento rural, grande espaço para poder encontrar financiamentos para poderem desenvolver-se não ficando agarrados eternamente (...) à produção do trigo (...). -----

----- Relativamente à intervenção da Dr.<sup>a</sup> Lúcia Canha, da Associação de Paralisia Cerebral de Odemira referiu o seguinte: "...o que é que estes anos deixam? (...) Eu acho que ficam sempre coisas (...), mas é importante ter em conta (...) que se não estiver a haver, neste momento, nas nossas escolas (...) a sensibilização e o trabalhar destas matérias, é evidente que isto acaba. -----

----- Mas eu fiquei contente! Hoje, o Colégio Nossa Senhora da Graça trouxe-nos aqui um conjunto de alunos que fizeram o trabalho de casa e que vieram aqui reflectir um bocadinho sobre alguns aspectos, quer dizer que nesta escola se reflectiu sobre esta matéria. Isto é importante! (...). -----

----- Na questão dos deficientes, por exemplo, deixem-me dizer-lhe, é um problema muito sério, nós temos um problema sério de integração das pessoas com deficiência e são em vários



níveis, em vários níveis. Nem todos os deficientes são iguais, nem todos os deficientes precisam da mesma coisa. Há pessoas com deficiência que com trabalho especializado, orientado, se inserem profissionalmente no trabalho, há outros que não, portanto há que encontrar um conjunto de respostas (...).-----

----- Vereador Cláudio Percheiro (...) eu não acho que isto seja um fogacho! (...) a questão das qualificações é mesmo uma coisa séria, nós temos um problema muito sério e naturalmente que as soluções não são todas perfeitas (...) há um esforço de aumentar as ofertas do ensino chamado profissional (...) por recurso ao reforço da rede pública das escolas secundárias para também elas ministrarem ensino profissional (...).-----

----- A questão das barreiras arquitectónicas (...) isto é um problema que nos afecta a todos. A lei que o Governo fez em dois mil e seis para resolver o problema das barreiras arquitectónicas é evidente que é uma lei responsável, não diz que a partir de agora (...) toda a gente tem de passar a ter os prédios assim (...) então diz que os prédios construídos a partir de agora têm que ter e os outros vão fazendo na medida do que podem (...). Isto é um problema também das Câmaras (...) não licenciem coisas que não obedeçam à lei. -----

----- (...) Ficava neste apelo que a Igualdade de Oportunidades para Todos é mesmo um problema de todos. Muito Obrigado!”-----

----- Interveio a senhora Joaquina Bernardino, Presidente da Junta de Freguesia de São Luís, que saudou todos os presentes e, bem assim considerou que para além do curriculum, as pessoas deveriam prestar prova daquilo que adquiriram ao longo da vida e ao longo do seu ensino e apenas dessa forma seriam colocados os melhores nos melhores lugares. Referiu ainda que por esse motivo, discordava com as quotas.-----

----- Disse ainda que: “Eu não estou de acordo que sejam x homens e x mulheres, independentemente se a lista é maioritariamente feminina ou masculina. O que eu estou de acordo é que lá estejam os melhores para os melhores lugares, para podermos fazer as melhores

políticas (...).-----

----- O António Eduardo disse e com razão, hoje preocupamo-nos muito em incluir as crianças, todas aquelas que têm dificuldades (...) para que sejam crianças de sucesso, eu estou inteiramente de acordo, mas a melhor maneira também de incluir é também fazer destacar pela positiva aqueles que de facto são bons, para que eles, no seu espírito de competição (...) também gerem vontade nos outros de serem tão bons quanto os outros (...). Temos de ter aqui uma cultura de exigência”.-----

----- Por último, propôs que no futuro nas escolas do ensino básico, para além da disciplina de Inglês, fosse ministrada também uma disciplina de cidadania, para “que todos nós possamos ver no futuro, daqui a vinte anos, que os nosso jovens e os homens de amanhã são com certeza mais conscientes e mais reivindicativos, porque isto tudo também passa muito por reivindicação, mas também por vontade de dar aos outros e de trabalhar em prol, em prol da comunidade”.-----

----- Interveio o senhor Paulo Botas, presente no público que em relação às quotas, disse que subscrevia inteiramente o que a senhora Joaquina Bernardino afirmou e disse ainda o seguinte: “...falou nos vinte e sete países Europeus, falou em cidadania, mas houve promessas de referendo e não vai haver referendo nenhum. Onde é que está essa cidadania?”-----

----- Seguiu-se a intervenção do Marco Matos, aluno do Colégio Nossa Senhora da Graça de Vila Nova de Milfontes que disse o seguinte: “começo por fazer um pergunta a vós todos que estão aí no palco. Vocês consideram-se amigos do Ambiente? (...) Vocês têm vinte e uma garrafas de água na mesa, enquanto podiam ter uma de litro e meio ou um garrafão de cinco litros e aproveitar nas embalagens (...)-----

----- As desigualdades não são um problema só político. No meu ponto de vista, não é bem político, é mais parte de cada um, cada um devia de agir de maneira correcta para que essas desigualdades não existissem. (...) Muitos de vocês falaram em igualdade. Igualdade, o que

vocês queriam dizer com isso? (...) -----

----- Falou-se em “Mão escrava”, esse sim devia de ser um dever político, portanto, e a solução (...) também parte das pessoas que dão emprego a essas pessoas que trabalham (...). -----

----- Em vez de falar sempre em desigualdades, porque não falar de problemas sociais que vivemos, como por exemplo, eu sei que a diferença entre pobres e ricos é uma desigualdade, mas porquê não cortar nas pessoas que têm mais, cada vez são mais ricas e nas que são mais pobres, cada vez serem mais enterradas, mais desvalorizadas (...). -----

----- Interveio novamente a Joziane, que como emigrante disse: “As comunidades que recebem os emigrantes têm a obrigação de apoiá-las e lhes dar oportunidades. Mas nós temos o exemplo que passou na tv, dos doze refugiados da África. Vieram para Portugal durante algum tempo, tiveram onde ficar, onde comer, mas a partir do momento em que eles tiveram que obter um emprego e satisfazer as suas necessidades sozinhos, não conseguiam, devido ao quê? À discriminação por parte da população, por parte dos empregadores e quem sabe não, por parte do Governo que simplesmente os deixou de parte (...) É apenas crítica construtiva (...). -----

----- Essa questão da discriminação não tem a ver só com a população, não é a população que tem por si só, de tomar noção do que se deve fazer ou não, é preciso um apoio a mais, por exemplo, nós temos a comunicação que hoje em dia é utilizada mais para quê? Em entretenimento, sendo que ele podia servir para outras coisas mais importantes”. -----

----- Relativamente a este assunto, falou no seu país (Brasil) e informou que a comunicação social transmitia apenas as notícias em que se via um país pobre e mau, no entanto considerava que o maior problema do seu país era o facto da população não ter qualquer apoio por parte do Governo. Considerou ainda que a comunicação social transmitia apenas aquilo que o governo queria, e bem assim que ela deveria apoiar e expor melhor as ideias e transmitir à população o que estava certo e o que estava errado. -----

----- Interveio o senhor Alberto Matos, da SOLIM, que fez a seguinte intervenção: “Este

tema é de grande importância, em primeiro lugar porque os imigrantes que estão cá, estes emigrantes que estamos a falar, não para fazer turismo, alguns estão para fazer turismo e venham muitos e fazem falta, outros estão para gozar as reformas e fazem falta e ainda bem que cá estão (...) mas os emigrantes estão aqui esmagadoramente, estão a trabalhar e só estão, porque precisamos desesperadamente deles, esta zona, como aliás todo o país em determinadas profissões têm imensa falta de mão-de-obra (...). -----

----- As qualificações são muito importantes, mas não são tudo, porque quero-vos dizer que nos mais de dois mil imigrantes legais, porque depois haverá mais mil ilegais ou em situação ilegal aliás, que há no concelho de Odemira (...) setenta e cinco por cento têm mais que o nono ano, isto é uns vinte e muitos por cento têm o ensino superior (...).-----

----- Eu acho que são precisas as quotas, não para defender as mulheres, para defender o género humano, para nos defendermos a todos e amanhã quando os homens estiverem em minoria também nestes casos, até para defender os homens (...).-----

----- Evidentemente que estamos muito melhor que há quarenta anos, mas sabemos e são dados muito recentes que temos dois milhões de pobres que vivem, não com menos de um dólar, mas em Portugal é com menos de dois euros e qualquer coisa, por dia, em Portugal e que nos últimos cinco anos essas desigualdades aumentaram com algum significado, não foi pouco, portanto não andámos para a frente, andámos para trás, aumentámos o deficit social (...). Não bastam as novas oportunidades que têm uma dose de propaganda e têm uma dose de realidade, não basta falarem em qualificações, é preciso atender às situações sociais que pioraram nos últimos anos (...).” -----

----- Interveio a senhora Helena Loermans, membro da Assembleia Municipal de Odemira que disse o seguinte: “também sou emigrante, portanto faço parte desta comunidade há vinte anos e queria desafiá-los para continuar a lutar e fazer este papel de chamar a atenção para as coisas. Eu criei cá o meu próprio emprego, faço parte desde as ultimas eleições para a

Assembleia Municipal (...)”. -----

----- Por último, desafiou para que as pessoas também enveredassem pelo lado político, num cargo onde pudessem também ajudar na mudança das coisas. -----

----- Interveio o senhor José dos Reis Guerreiro, Presidente da Junta de Freguesia de São Teotónio que informou que recentemente, tinha estado presente num encontro organizado pela INDE, onde tinham sido debatidos temas muito semelhantes aos da presente sessão, tendo também havido um debate interessante.-----

----- Disse ainda que: “São Teotónio, congratulamo-nos por ser, segundo palavras também ditas pelo amigo Alberto Matos naquele dia, a segunda capital da Bulgária em Portugal ou primeira, porque temos imensos imigrantes que estão integrados e nunca houve qualquer problema com os imigrantes que estão em São Teotónio”. -----

----- Disse ainda que naquele caso, apenas o preocupava o facto de existirem uma série de imigrantes homens que ficavam a beber uns copos no largo, enquanto as esposas iam trabalhar.

----- Por último, disse que se tratava de um debate interessante, e bem assim considerava que as pessoas com o passar do tempo iam-se habituando “a viver com o vizinho do lado”.-----

----- Interveio novamente a Dr.<sup>a</sup> Lúcia Canha, da APCO que relativamente às barreiras arquitectónicas, informou que todas as sextas-feiras, os utentes da Associação iam à Biblioteca Municipal porque haviam actividades especiais para eles, porém todas as semanas se deparavam com muitas dificuldades para a carrinha conseguir chegar à Biblioteca, devido ao facto da estrada ser muito estreita e não haver o cuidado por parte dos automobilistas no estacionamento dos carros. Em face do exposto, solicitou ao senhor Presidente da Câmara Municipal que tomasse as medidas necessárias para evitar aquele problema, pois considerava que se tratava de uma barreira arquitectónica fácil de eliminar.-----

----- Disse ainda que existia um programa intitulado “As Cidades Acessíveis”, ao qual os municípios poderiam apresentar candidaturas. Disse ainda que a estrutura daquele programa era

composta por técnicos especializados que avaliavam os concelhos e propunham um conjunto de acções a desenvolver, num período de três anos, no que respeita à acessibilidade.-----

----- Interveio novamente o senhor Ricardo Cardoso que disse: “...também há discriminação em relação ao litoral e o concelho de Odemira é um perfeito exemplo disso. O concelho de Odemira está incluído num distrito que é o distrito de Beja, é o único litoral deste distrito e a nível de saúde e acessibilidades, claramente, é o mais deficitário”.-----

----- Interveio o senhor José Ribeiro que referiu que tinha ficado por falar na igualdade de oportunidades para os mais velhos.-----

----- Interveio novamente o senhor Alberto Matos que relativamente à situação das mulheres emigrantes que iam trabalhar enquanto os homens ficavam a beber, em S. Teotónio, disse que: “não tem nada de estranho é que as empresas e até o fizeram legalmente que foram à Bulgária contratar mão-de-obra na origem que veio já legal, portanto até aí é de elogiar (...) escolheram em grande quantidade a mão-de-obra mais disponível e mais barata, ou seja feminina. (...). Os homens só puderam começar a vir mais tarde ao abrigo do reagrupamento familiar e portanto, há alguns deles que foram encontrando trabalho, mas muitos não estão a trabalhar e portanto não é de estranhar que haja mais homens nos cafés, também não sei se tem a ver com alguma tradição cultural, do que mulheres (...), isto não é problema nenhum em si, nunca teve nenhum problema grave com imigrantes em São Teotónio e é, de facto, a maior concentração quer no concelho e não só, em relação à Bulgária, é a maior concentração de imigrantes que nós temos nesta zona, numa freguesia (...).-----

----- Interveio novamente o senhor Presidente da Câmara Municipal que relativamente às barreiras arquitectónicas informou que se tratava de um problema antigo e que já tinham sido criadas muitas leis relativamente a esse tema. Considerou ainda que: “o problema está identificado, às vezes o que falta é de facto pragmaticamente vontade de resolver e para resolver, às vezes não basta legislar, é preciso criar condições para, e isso às vezes, é que é mais

complicado (...)”. -----

----- Disse ainda que a Câmara Municipal estava consciente do problema, e bem assim estavam a fazer um levantamento da parte histórica das povoações e de tudo o que era edifício público, para depois estudarem e quantificarem as medidas a tomar. -----

----- Interveio o senhor Presidente da Assembleia Municipal que chamou a atenção para um desenho sobre um menino chinês, feito pelos meninos de uma escola do concelho de Odemira, para a presente sessão e que se encontrava afixado na entrada do Cine-Teatro. -----

----- Disse ainda que aceitava o desafio de se debater na Assembleia Municipal, a Carta para a Igualdade. -----

----- Referiu ainda que independentemente de se estar contra ou a favor das quotas, a Mesa da Assembleia Municipal cumpria o que estava estipulado na lei, uma vez que era composta por dois homens e uma mulher. -----

----- Disse ainda: “Na entrevista dada pelo senhor Procurador Geral da República, Dr. Pinto Monteiro, à revista “Tabu” do Jornal Sol, da edição de vinte de Outubro de dois mil e sete, disse, entre outras coisas, o seguinte: “em dois mil e seis, a violência doméstica aumentou trinta por cento, foi o número mais falado, mas é um falso problema. Há um aumento porque as mulheres agora queixam-se e antes não, além de que agora já há violência sobre os maridos que é silenciosa, porque eles se envergonham. Mas sabe o que me preocupa verdadeiramente como Procurador Geral da República é a violência sobre os idosos, porque esses não se queixam e se o filho, o genro ou nora lhes baterem eles andam calados, pois não têm para onde ir (...)”. -----

----- Referiu ainda que “estatisticamente temos todos a sensação de que a violência doméstica é mais exercida e mais vezes por homens contra as mulheres e crianças. Mas vêm-se cartazes sobre a violência doméstica, por exemplo em postos da Guarda Nacional Republicana deste concelho (Vila Nova de Milfontes e Sabóia), onde figuram três mulheres que os cartazes sugerem terem sido agredidas e por exemplo cartazes, com um homem a abraçar uma mulher

com uma legenda do tipo, as aparências podem iludir ou esconder a existência de uma violência doméstica.-----

----- Pergunto, corre-se ou não o risco de os homens entenderem que se está a sugerir sub-repticiamente que a violência doméstica é exercida pelo homem contra a mulher? Este tipo de alerta para a violência doméstica pode ser em si desigual e ou discriminatório?”-----

----- Interveio a senhora Telma Guerreiro, membro da Assembleia Municipal de Odemira que congratulou todos pela forma como estava a decorrer a presente sessão, considerando que estava a ser um momento muito bom e que deveria-se repetir por mais vezes. -----

----- Congratulou-se ainda pela presença da juventude, referindo que após ter conversado com eles, tinha verificado que eles tinham ficado cheios de ideias para implementar na escola, inclusivamente tinham a intenção de convidar a Assembleia Municipal para ir à escola debater assuntos do interesse geral. Disse ainda que: “...esta igualdade que acho que também todos queremos em termos políticos das políticas, de discutir políticas no concelho de Odemira e eu acho que hoje foi um grande momento de discussão em que foi possível conversar abertamente sobre tantos temas que é possível discutir em todas as Assembleias Municipais e por isso um obrigado muito grande a toda a gente que veio cá hoje.”-----

----- Relativamente aos cartazes de sensibilização para a violência doméstica, referidos pelo senhor Presidente da Assembleia Municipal, considerou que era “...de questionar se não será discriminatória a forma como se fazem essas sensibilizações, como elas acontecem, mas a realidade também fala e a realidade que mais fala e mais grita tem muito que ver com a violência sobre as mulheres e sobre as crianças no nosso país e também sobre os idosos que é bom que cada vez mais se fale sobre essa grande discriminação...”-----

----- Interveio novamente o senhor Engenheiro António Loução que relativamente às questões apresentadas pelo senhor Paulo Botas, disse que como representante do senhor Governador Civil não iria emitir opinião sobre uma temática que dizia respeito ao governo. -----



----- Interveio novamente o Vereador Cláudio Percheiro que referiu que não tinha obtido resposta à sua intervenção em relação à escolaridade e qualificação das pessoas, pelo que estando presente um representante do governo, referiu que gostaria de ouvir a opinião dele sobre essa matéria, nomeadamente sobre a existência de uma forma sub-reptícia, uma forma encapotada de escondermos a verdade, a realidade do país?” -----

----- Ainda sobre aquele assunto, lembrou a intervenção do senhor Alberto Matos, quando dizia que no concelho de Odemira existiam muitos imigrantes com altas qualificações em termos de formação, em termos de cursos superiores, mas que não eram tratados como pessoas com direitos, mas sim como mão-de-obra barata, explorada. -----

----- Ainda em relação aos imigrantes referiu que no concelho de Odemira, haviam situações em que numa casa destinada a um casal, estavam a viver cerca de dez pessoas. Em face do exposto, referiu que naquela questão, não havia qualidade de vida e os imigrantes tinham de ser tratados com dignidade, e bem assim considerou que as estruturas a nível governamental deveriam fiscalizar aquelas situações. -----

----- Por último disse: “Basta tirar o décimo segundo ano (...) para nós já sermos um país qualificado? (...) Acha que aí é que está a essência do problema? (...) efectivamente é assim que estatisticamente nós contamos.” -----

----- Interveio a senhora Joaquina Bernardino, Presidente da Junta de Freguesia de São Luís, que informou que estava a frequentar o programa Reconhecimento e Validação de Competências e considerava que aquele curso não era suficiente para atestar o que quer que fosse. Disse ainda que para alguns talvez fosse uma qualificação de competências, mas para outros seria uma mistificação. -----

----- Nesse sentido, considerou que aquele programa seria apenas para aumentar a estatística, porque tinham de apresentar “uns números bonitos”. -----

----- Interveio novamente o senhor Ricardo Cardoso que referiu que o facto de se estudar

mais, não significava a garantia da atribuição de um emprego. -----

----- Em relação aos imigrantes estarem a viver sem condições dentro das casas, considerou que não seria justo, no entanto referiu, recorrendo a um exagero, que “imaginemos que os Búlgaros todos queriam vir para Portugal. A gente não podia fechar fronteiras, tínhamos que os receber todos e ainda tínhamos de arranjar casa para eles viverem em condições e arranjar trabalho para eles viverem cá. Obviamente que isto não pode ser assim. (...) Obviamente que as pessoas vêm para cá, a gente quer-lhes dar condições, agora não podemos garantir por n anos as condições dessas pessoas (...). Não basta levantar as questões e esperar que o governo resolva tudo, obviamente que o governo não pode resolver tudo”. -----

----- Interveio novamente o senhor Vereador Cláudio Percheiro que relativamente à anterior intervenção, informou que actualmente quando se falava em imigração, falava-se também em cooperação, na existência de tratados e documentos assinados pelos governos, em relação à abertura para receberem os imigrantes e, por esse motivo deveriam ser criadas condições para receberem as pessoas condignamente.-----

----- Interveio o Doutor Manuel Mourão, representante da Direcção Regional da Educação que disse o seguinte: “Obrigado pelo convite (...). A aposta do governo e da senhora Ministra da Educação, a aposta é forte e quando se diz que há uma política economicista por parte do governo para a educação, isto não é verdade! -----

----- (...) Se há investimento significativo, é a nível de educação e eu vou dar exemplos concretos: pré-escolar: acordos de cooperação com as autarquias para que todos os meninos dos três aos cinco anos tenham Jardins-de-Infância, em que o Ministério paga, suporta o educador e também disponibiliza dinheiro para o funcionário (...); prolongamento dos horários: protocolos também entre o Ministério e as autarquias (...) para que os meninos possam estar no Jardim-de-Infância até às seis e meia, sete horas ou sete e meia. Há vários formatos em termos de horários (...); Primeiro Ciclo: enriquecimento curricular, protocolos feitos com as autarquias ou com as

outras entidades, para a formação de enriquecimento de currículo, ou seja a escola a tempo inteiro (...) com o inglês, com a educação musical, com a educação física ou outras expressões (...) suporta o Ministério através de um protocolo (...); plano nacional de leitura: estamos a assinar protocolos com todas as autarquias para quê? Haja a possibilidade de em cada escola, no mínimo, sejam lidos durante aquele ano, seis livros (...) e que por cada dois meninos haja pelo menos um livro e mais, desde que haja condições para que numa escola do primeiro ciclo e segundo ou terceiro ciclo (...) para ter uma biblioteca, o Ministério disponibiliza já, através de candidatura, um professor a tempo inteiro para essa biblioteca, isso custa dinheiro; (...) plano tecnológico para o segundo e terceiro ciclos secundário, num espaço de tempo breve por cada dois alunos (...) vai haver um computador (...); planos de formação para a matemática, planos de formação para as ciências, os planos de formação para a língua portuguesa (...) portanto dizerem que há uma política economicista para a educação, isto não é verdade! (...) --

----- O governo quer apostar fortemente na educação para que a nível das nossas qualificações, no futuro próximo, sejam as mesmas dos países da média europeia, onde estamos muito aquém (...). -----

----- Interveio o senhor José dos Reis Guerreiro, Presidente da Junta de Freguesia de São Teotónio que informou que na sua freguesia haviam muitas pessoas a frequentar os cursos de Reconhecimento e Validação de Competências e, bem assim concordava com aquele tipo de formação. -----

----- Relativamente à habitação dos imigrantes, disse que era muito complicado resolver esse tipo de situação, porque muitas vezes as pessoas alugavam as casas a um casal e desconheciam que posteriormente estariam mais pessoas a habitá-la. -----

----- Disse ainda que concordava que houvesse, por parte do governo, provavelmente das Finanças, uma maior fiscalização daquelas situações, porque na maior parte dos casos, as casas não tinham qualquer contrato. -----

----- Interveio novamente o senhor Alberto Matos que disse o seguinte: “Há pessoas a mais em algumas habitações por responsabilidade, em primeiro lugar em muitos casos também não há contratos e depois por falta de espaço mesmo e depois porque se calhar também há alguns intermediários a explorar, até do ponto de vista da habitação, essas pessoas, para além dos próprios senhorios (...).-----

----- As pessoas vêm para cá trabalhar e vêm criar riqueza e nós precisamos deles como do pão para a boca, nós e a velha Europa que está a envelhecer que não aguenta a sua segurança social (...) as pessoas ganham a sua vida para poderem pagar habitação decente. Temos um deficit de oferta, não é só para estes cidadãos, é enfim para um conjunto de sectores da população, mas eu penso que eles não vêm e ninguém vem à esmola, (...) há que os acolher como cidadãos.-----

----- (...) a luta por melhorar as condições de vida de toda a gente, mas também da boa integração dos emigrantes não está acabada, nunca vai estar. Agora não podemos é pactuar com as situações que conhecemos e em relação a essas, obviamente que denunciemo-las (...).” -----

----- Interveio o senhor Presidente da Câmara Municipal que referiu que concordava com anterior intervenção no que se refere à questão da lotação das casas. Disse ainda que “há GNR, há tribunais (...) denuncie-se essas situações (...) não vale a pena a gente encher a boca a dizer que conhece aqui e além e depois, e depois não se faz nada para evitar isso, pactua com esse tipo de coisas (...)”.-----

----- No que se refere ao programa RVC, considerou que tinham de ser política e intelectualmente sérios. Revelou que não sabia qual seria o resultado final daquela aposta, no entanto era um caminho a seguir e que confiava na seriedade das avaliações.-----

----- Interveio o senhor Paulo Botas que referiu que se tinha falado muito em imigração, mas não se tinha falado nos portugueses que estão nos outros países e nos casos problemáticos que existiram na Holanda e na Espanha.-----

----- Não havendo mais intervenções, o Dr. António Sancho, moderador do debate disse o

seguinte: “Foi a primeira vez que moderei um debate numa Assembleia Municipal. Foi uma experiência interessante e saio daqui sem dúvida mais enriquecido. Muito obrigado pelo convite.” -----

----- Interveio o senhor Presidente da Assembleia Municipal que agradeceu a presença de todos e deu por encerrado este ponto da Ordem de Trabalhos. -----

-----**ENCERRAMENTO DA SESSÃO**-----

----- Não havendo mais nada a tratar, o senhor Presidente da Assembleia deu por encerrada a sessão pelas vinte horas.-----

----- De tudo, para constar, se lavrou a presente acta que, nos termos da Lei, vai ser assinada pelo senhor Presidente da Assembleia Municipal e pelo Primeiro Secretário. -----

-----O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,-----

----- O PRIMEIRO SECRETÁRIO DA MESA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL,-----